

O sr. Funaro, vivendo o seu "baile da Ilha Fiscal"

13 MAR 1987

Brasil JORNAL DA TARDE

Fiel à sua retórica omníva, o ministro Dílson Funaro avisa — referindo-se à inflação — que “o pior já passou” e, em mais um lance da permanente luta do governo contra os fatos, classifica seus recentes contatos com membros dos governos de países credores de “primeira vitória” do Brasil no embate da dívida externa. E até ousa dizer, em resposta às críticas do presidente do Banco Mundial, Barber Conable, segundo as quais o País improvisa em matéria de política econômica, que tem um plano para o Brasil: “... fazer (pessoalmente, é claro) este país continuar crescendo”. “Aceitar programas recessivos”, acrescenta o ministro, “não é, decididamente, o caminho brasileiro. Nossos problemas internos serão resolvidos por nós mesmos. Mas o que nós não podemos resolver são os problemas mundiais, como o da dívida externa, e por isso fomos lá fora dar sugestões e discutir um plano para a economia mundial (grifo nosso), que somente surgirá com o entendimento entre todos os países devedores e credores”. Em outras palavras, na visão do sr. Funaro, não é o Brasil que deve mudar para sintonizar-se com a economia mundial, ~ o mundo inteiro que deve mudar para tentar sintonizar-se com ele...

A simples leitura dessas palavras revela a característica de onipotência que tem sido a principal marca da sua atuação.

Como dizer que o pior já passou no terreno da inflação, quando, neste mês de fevereiro, chegamos aos 15% que, no ano passado, desencadearam o desastrado Plano Cruzado? E mesmo muita coragem, a mesma coragem requerida para dizer publicamente que a viagem de explicações aos governos dos principais países credores foi “bem-sucedida” e nada o impede de continuar garantindo que o Brasil “continuará mantendo o seu crescimento econômico” e “não aceitará programas recessivos”.

Gostaríamos muito que o ministro Funaro estivesse certo em suas previsões acerca do comportamento de nossa economia, mas os fatos, os mesmos fatos que se chocam com o palavrório do comandante da moratória brasileira, apontam para uma preocupante desaceleração das atividades econômicas. Em outras palavras, nós não precisaremos de nenhum “programa recessivo” imposto de fora para dentro para esfriar nossa economia. Ela está em curso recessivo há algum tempo, graças à desorganização causada pelo prolongado congelamento, seguido pela explosão inflacionária do inevitável realinhamento dos preços e pela vertiginosa elevação das taxas de juros internas. E, como toda a sociedade brasileira está farta de saber, foram os erros da equipe econômica do governo que levaram o País a perder o seu ajuste externo e a esse estado de insolvência.

Assim, enquanto o ministro Funaro não muda o seu discurso do crescimento a qualquer preço, a economia vai-se precipitando no abismo recessivo. Os sinais de desaceleração acumulam-se rapidamente. Há falta de matérias-primas e bens intermediários, dificuldades sem conta para importar e cortes de produção em vários setores industriais, que passaram a operar com 60 a 70% de capacidade, a fim de trabalhar com capital de giro próprio, pois hoje só se arriscam a tomar dinheiro emprestado nos bancos as empresas que realmente não dispõem de outra alternativa.

A dificuldade para a compra de bens intermediários e matérias-primas está afetando a indústria automobilística, o setor de autopeças, os fabricantes de pneus, o setor químico-farmacêutico, a indústria eletroeletrônica e outros segmentos. Até mesmo ramos industriais que jamais haviam enfrentando uma crise, como o setor de informática, estão hoje demitindo pessoal e com sérias dificuldades para manter os níveis de “produção” — “produção” que, graças à atuação da SEI, significa travestir produtos importados — que vêm caindo de forma preocupante em função das restrições às importações.

Em muitos casos, a escassez de matéria-prima e bens intermediários produzidos internamente foi provocada pelo congelamento de preços ou pelo tabelamento abaixo dos custos de produção. Há falta de chumbo, zinco, componentes eletrônicos, alumínios especiais e produtos químicos.

A indústria automobilística está fazendo cortes de produção de 20 a 30%, em virtude da rápida queda da demanda interna e da falta de rentabilidade com os atuais níveis de preços, determinados pela elevada taxação dos automóveis. Descrentes do mercado interno, as montadoras pretendem ampliar suas vendas ao mercado externo (segundo fontes da indústria, a Fiat quer exportar 60% de sua produção este ano e a Volkswagen deverá vender pelo menos 1/3 de sua produção em mercados do Exterior). A drástica queda da demanda e as dificuldades de produção estão levando o setor automobilístico a demitir pessoal. No setor de autopeças, as demissões ainda não começaram, porém o processo de crescimento do nível de emprego já terminou.

Até os números do próprio governo, que certamente não foram devidamente analisados pelo ministro da Fazenda, mostram uma interrupção na queda que vinha sendo observada no índice de desemprego nas regiões metropolitanas. A taxa média de desemprego aberto, calculada pelo IBGE, cresceu para 3,2% (esse número superou os índices dos três meses anteriores, interrompendo a tendência de baixa observada desde março do ano passado, quando essa média foi de 4,4%).

Da mesma forma que a oferta de emprego, os salários reais também já iniciaram um movimento descendente, pois o gatilho salarial, apesar de ser o estopim de uma espiral de preços — salários, não funciona como mecanismo de proteção dos salários contra a erosão inflacionária. Segundo alguns levantamentos feitos por economistas da área universitária, não comprometidos com a retórica do sr. Funaro, hoje já temos uma desaceleração de atividades provocada mais pela oferta insuficiente de insumos. Mas no segundo semestre, se persistirem as atuais dificuldades para importar, esse tipo de recessão se conjugará com outro, causado pela queda de poder aquisitivo dos assalariados.

No entanto, o que mais preocupa o setor empresarial neste momento — assim como aos nossos credores — é a indefinição da política econômica. Falta confiança, sobretudo, pois os atuais ocupantes dos ministérios econômicos perderam credibilidade após o fracasso do Plano Cruzado e, principalmente, em razão de sua prepotência mesmo nestes dias em que falta até penicilina no mercado brasileiro, utilizada no tratamento de diversos tipos de infecção, entre eles a pneumonia, porque os fabricantes não conseguem conviver com o atual preço (50% do nível internacional) nem encontram embalagens. Mas o ministro Funaro garante que tudo vai bem e o pior já passou...

Esperemos que este permanente “baile da Ilha Fiscal” em que tem vivido o governo Sarney não acabe, para ele, tão tragicamente quanto acabou o outro que ficou famoso na História do Brasil...